

O Ensino de Geografia no terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis \ GO em 2011

La Enseñanza de la Geografía en el tercer año de la escuela secundaria del Colégio Estadual Independência de la ciudad de Quirinópolis \ GO en 2011

The Teaching of Geography in the third year of high school in Colégio Estadual Independência in the Quirinópolis city \ GO in 2011

Fabricia Ferreira Martins

Graduada em Geografia na UnU de Quirinópolis - UEG
mfabriciaquir@hotmail.com

Rafaela Silva Almeida

Formada em Geografia na UnU de Quirinópolis - UEG
rafinha_rafaelaalmeida@hotmail.com

Lorranne Gomes da Silva

Prof^ª. Ms. do curso de Geografia da UEG – UnU de Quirinópolis e do curso da Licenciatura Intercultural Indígena da UFG
lorrannegomes@gmail.com

Resumo

O presente artigo evidencia os resultados da pesquisa monográfica que objetivou investigar o ensino de Geografia no terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência, do município de Quirinópolis/GO. É notório as fragilidades e problemas pelos quais a Educação no Brasil tem passado; nesse âmbito, o ensino de Geografia não está fora desse contexto. Ensinar tornou-se cada vez mais um desafio para os professores que acabam por se transformarem em alvo principal para as soluções de problemas que, na maioria das vezes, são estruturais. Aprender para os alunos, no âmbito da atualidade, passa ser obrigação para cumprir o ano letivo, ou passar no vestibular. Diante dessas e outras problemáticas, surgiu o interesse de pesquisar como se dá o ensino de Geografia no terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência? Qual a importância da disciplina Geografia na construção do processo

ensino-aprendizagem dos alunos? Essas e outras questões que norteou a pesquisa mostraram as dificuldades dos alunos e do professor para a realização desse ensino. Para esse estudo foi utilizado o método qualitativo, com estudo de caso, na aplicação de questionários aos alunos (as) e a professora que ministra a disciplina no terceiro ano. A pesquisa teve como base teórica autores como CAVALCANTI (2002), KAERCHER (2004), PONTUSCHKA (2009), VESENTINI (2004), entre outros.

Palavras-chave: Geografia, Ensino Médio, Conhecimento, Saber

Resumen

El presente artículo es el resultado de la investigación que tuvo como objetivo ver la enseñanza de la geografía en el tercer año de la enseñanza media del colegio estatal Independencia, del municipio de Quirinópolis/GO. Son notorias la falta de recursos y los problemas por los que pasa la Educación en el Brasil. Dentro de este ámbito se encuentra también la Geografía. Enseñar se volvió cada vez más un desafío para los profesores que acaban por transformarse en el alvo principal para la solución de los problemas que, en su mayoría, son estructurales. Aprender para los alunos actualmente pasa a ser obligatorio para cumplir el año lectivo o pasar en la prueba de admisión de una universidad. Delante de esta problemática, surgió el interés en analizar, cómo se da el curso de Geografía en el tercer año de la enseñanza media del colegio Independencia? Cuál es la importancia de este curso en la construcción del processo enseñanza-aprendizaje de los alumnos? Esas y otras preguntas que nortearán la investigación podrán mostrar las dificultades de los alumnos y de los profesores para la realización de este programa. Para este estudio, fue utilizado el método “cualitativo” con el estudio del caso, en la aplicación de cuestionarios a los alumnos (as) y de la profesora que da la disciplina en esta sala. La investigación tuvo como base teórica autores como CAVALCANTI (2002), KAERCHER (2004), PONTUSCHKA (2009), VESENTINI (2004), entre outros.

Palabras-clave: Geografía. High School. Conocimiento. Saber

Abstract

This article is the result of the monograph research that investigated the teaching of Geography in the third year of the High School of the “Colégio Estadual Independência”, borough of Quirinópolis/GO. It's evident the weaknesses and problems for which the Education in Brazil has passed; in this scope, the teaching of Geography isn't out of context. Teaching became more and more a challenge for the teachers who end up becoming a target for the problems' solutions which, in most cases, are structural. Learning for the students, as part of the current passes from obligation to fulfill the school year, or pass in the entrance exam. Given these problems, arose the interest to re-search how is the teaching of Geography in the third year of the High School of the “Colégio Estadual Independência”? What is the importance of the Geography's discipline in the construction of the teaching-learning process of the students? These and other questions that guided the research may show the difficulties of the students and teachers to carry out this teaching. For this study was used the

qualitative methods, with case study, in the application of questionnaires to the students and the teacher who teaches the discipline in the third year. The research had as theoretical base authors as Cavalcanti (2002), Kaercher (2004), Pontuschka (2009), Vesentini (2004), among others.

Keywords: Geography. High School. Knowledge. know

Introdução

O presente artigo é resultado da pesquisa monográfica realizada durante o período de graduação na Universidade Estadual de Goiás, unidade de Quirinópolis, no ano de 2011. Com o objetivo de analisar o ensino da Geografia na terceira série do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência, do município de Quirinópolis/GO. A escolha da pesquisa ocorreu pelo fato de ser o último ano escolar, e este, para muitos alunos, marca um momento de preparação para a inserção na universidade e, futuramente, no mercado de trabalho.

A Educação no Brasil é um grande desafio frente às novas lógicas globais nas quais o mundo se insere. São muitas as mazelas e problemas que muitas vezes são ignorados pelas políticas públicas. A educação enquanto direito de todo cidadão tem sido esfacelada pelos sistemas governamentais.

Nesse cenário, o ensino está comprometido com dificuldades no que diz respeito à infraestrutura, à qualificação profissional, à remuneração dos professores, a qualidade das aulas, a gestão escolar, as práticas educacionais, os investimentos, entre outras.

Sobre o ensino de Geografia nota-se em várias pesquisas ao invés de instigar os alunos a pensar, conhecer, aprender opinar e prepará-los para uma leitura do mundo, muitas vezes, é considerado como um conteúdo repetitivo, decorativo e desatualizado. Vesentini (1989, p.20), afirma que:

[...] Essa escolaridade tem quer ser fundamentada num ensino não mais “técnico”, como na época do fordismo, e sim “construtivista”, no sentido de levar as pessoas a pensar por conta própria, aprendendo a enfrentar novos desafios, criando novas respostas em vez de somente repetir velhas fórmulas.

A investigação sobre essa problemática no colégio Independência

desvendou como o ensino de Geografia ocorre e, sobretudo, qual a contribuição social desse ensino na inserção dos alunos nas Universidades e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

A pesquisa proposta foi qualitativa, inserindo-se também como um estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, para Lüdke e André (1986), é uma das principais técnicas de trabalho em quase todas as pesquisas, porque, com ela, podemos recorrer a esclarecimentos e adaptações das informações desejadas; fato que não ocorre com muitas outras técnicas de coleta.

Lüdke e André, apud Souza (1999, p.38), chamam de documentos: “qualquer materiais escritos que possam ser usados como fontes de informação sobre o comportamento humano”. Entretanto, considera-se que fontes de outras naturezas podem compor esse método de coletas de dados, desde que deem conta do objeto que está sendo abordado.

O questionário realizado com os alunos e também com a professora de Geografia da terceira série desvendou pistas para uma análise de dados satisfatória ao objetivo da pesquisa. O questionário respondido pela professora destacou as dificuldades de ensinar Geografia na escola e despertar o interesse dos alunos para essa disciplina.

Além dos questionários, buscou-se conhecer a programação dos conteúdos do livro didático adotado pela escola, a metodologia de ensino da professora que ministra a disciplina, a interação e participação dos alunos nas aulas e o processo ensino-aprendizagem. Posteriormente, com a aplicação dos questionários para os alunos (as) e as observações realizadas durante o período da pesquisa, fez-se uma análise do quanto o ensino de Geografia contribui para a formação dos estudantes e, de que forma tal fato ocorre.

A pesquisa destacou também a trajetória do ensino de Geografia no Brasil e em Goiás, com análises teóricas metodológicas, relatando sobre o surgimento da Geografia como ciência, seus principais fundadores até o momento de sua aplicação como disciplina escolar, sobretudo, o ensino de Geografia no Colégio Estadual Independência, no município de Quirinópolis-GO e as contribuições do ensino de Geografia para os (as) alunos (as) da terceira série do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência no município de Quirinópolis- GO.

As concepções teóricas metodológicas do ensino de Geografia no Brasil e em Goiás

A Geografia, enquanto ciência nasceu em meio aos gregos, tudo isso por que foi na Grécia que as lutas democráticas se aprofundaram.

A Geografia Científica surgiu no período de 150 anos, a partir de 1750, entre os alemães Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel. Dessa forma, Moreira (1994, p. 15 e 16) compreende que: “o discurso desta ciência é o produto final dos embates que dominam as relações entre os alemães e franceses ao longo do século XIX, divergências sobre a forma de relação entre homem e o meio, de um lado o “possibilismo” de outro o” determinismo”.

Os precursores da Geografia Científica foram Humboldt e Ritter. Sendo também os “pais” da disciplina acadêmica, produzida a partir dos centros universitários e ensinados nas escolas.

Sendo que a Geografia que se encontra em nossas escolas e universidades é a sistematizada. Kant confere ênfase na Geografia física, já que em sua época a natureza era concebida como massa de matéria e força, como uma natureza dotada de vida e movimentos.

O centro de discussões da Geografia no século XIX foi a Europa, ao se concentrar na Alemanha, depois no fim deste mesmo século o pensamento geográfico encontrou espaço.

A Geografia do século XX voltou-se para a discussão de um período em que a técnica dominava e adentrava em vários espaços no mundo. O período técnico - científico analisado por Santos (1997) mostra toda a nova complexidade incorporada nessa ciência que evidencia cada vez mais as relações sociais.

A Geografia do século XXI, ainda está em curso, e, hoje, além de um mundo técnico e científico, o informacional adentra cada vez mais os espaços (SANTOS, 2006). Como se deu as concepções teóricas metodológicas do ensino de Geografia no Brasil e em Goiás?

No Brasil as ideias dos mestres chegaram trazidas pelos geógrafos franceses, acrescidas de críticas por Paul Vidal de La Blache. De acordo com Pontuschka (2009, p. 45): “A Geografia desenvolveu-se com o respaldo do Estado Francês, introduzida como disciplina em todas as séries do ensino básico na reforma

efetiva na Terceira República”. A partir desse pressuposto, foram criadas as Catedrais, os Institutos de Geografia; o que estimulou a formação de geógrafos e de professores da disciplina.

Segundo Cassab (2009, p.10): “No Brasil a geografia se torna uma disciplina, em 1837, no colégio Pedro II. Nessa época, seu ensino contribuía para construir ideias de nacionalidade e nacionalismo”. Esse ensino era transmitido por professores vindos de outras profissões. A Geografia durante longo período sofreu poucas alterações em seus conteúdos e na didática ensinada.

A autora acima citada (2009, p.38) afirma que: “O conhecimento geográfico resultou das várias correntes de pensamento desde as influenciadas pela escola de Vidal de La Blache até as contemporâneas”. É importante destacar que a Geografia Tradicional na década de 1950 passou a ser questionada em várias partes do mundo, e no Brasil. Assim, a Geografia nomenclatural, é muito criticada, pois, apenas memoriza.

No Estado de Goiás, de acordo com Urzedo (2007, p. 45): “O Governo de Goiás até 1870 não pensou em construir, comprar ou alugar casas para as escolas”. O professor instalava sua própria escola onde queria e a maioria dos prédios escolares não era digno de terem esse nome. As escolas só começaram a surgir com o aparecimento dos grupos escolares no século XX.

Mas, já desde 1847 existia o Lyceu de Goiás, instalado oficialmente na Cidade de Goiás, gênese dos estudos de Geografia como disciplina padronizada ao Colégio Pedro II do Rio de Janeiro; assim como a disciplina também oficial do Colégio Santana, dirigido pelas Irmãs Dominicanas e a Escola Normal Oficial da Cidade de Goiás, cuja disciplina de Geografia era estudada de forma teórica e prática pelo professor pioneiro do Estado, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo que, em 1910 escreveu o *Almanaque Histórico Geográfico de Descritivo do Estado de Goyaz*. Em 1901, também Alcides Celso Ramos Jubé escreveu o livro *Chorographia de Goyaz*, pioneiro no gênero.

Já no município de Quirinópolis, antes conhecido como povoado, cujo, chamava-se Abadia do Paranaíba, o qual se localiza no sudoeste goiano, a 280 km da capital Goiânia, objeto de estudo da pesquisa em questão, o ensino era inicialmente ministrado nas residências dos próprios professores particulares, assim a Educação nesse município deu seus primeiros passos.

Para Sagim, apud Urzedo (2007, p.104): “Até 1917 não existia neste povoado nenhum professor. Nesta data chega o professor Carlos Vaz Guimarães, natural de Cuiabá, solteiro, homem culto de educação aprimorada e religioso”. A primeira instituição escolar urbana foi a Escola Isolada de Quirinópolis, depois denominada Grupo Escolar Ricardo Campos, construída no início dos anos de 1930. Seus alunos foram transferidos em abril de 1957 para um prédio novo, que recebeu a denominação de Grupo Escolar José Feliciano Ferreira.

Dessa forma, pelo pouco que foi apresentado, nota-se a fragilidade do sistema educacional brasileiro em várias escalas. Para Oliveira (1990, p. 29): “professores e alunos são treinados a não pensar sobre o que é o ensino, ou seja, seu treinamento gira em torno de apenas repetições”. Tal fato demonstra claramente que ambos não possuem participação do processo de produção do conhecimento. Assim, o professor em destaque no contexto, o de Geografia, está envolvido no processo dialético de dominação, sem questionar sobre o que é ensinado.

Assim, por fazer parte do contexto educacional, o ensino de Geografia também passou por momentos preocupantes. Dentre os pontos questionados pode-se dar destaque à metodologia aplicada aos estudos geográficos. Sendo um dos temas em discussão para amenizar os problemas dentro do ensino de Geografia.

Atesta Vesentini (2004, p. 220) que: “A disciplina geográfica tem que mudar radicalmente para contribuir na formação de cidadãos ativos, ela tem que compreender o mundo onde vive”. Entretanto, cabe lembrar que o progresso depende de todo um conjunto, onde alunos, professores, gestão escolar e os órgãos públicos, têm que atuar juntos.

O ensino de Geografia precisa extrapolar os muros da escola, as experiências vividas pelos alunos, as trajetórias socioculturais, os conhecimentos prévios que cada um tem, é importante ser considerado na construção do ensino-aprendizagem. Para isso, os professores precisam estar preparados para desmascarar a alienação, refletir sobre o sujeito no mundo. Que atua, questiona, cria, inventa, imagina, vive.

É inegável que a vida nos permite ensinar e aprender a todo o momento e que nosso cotidiano é envolvido por diversas formas desse processo. Deste modo, precisamos compreender que a escola é apenas um dos vários espaços que nos ensina, o

aprender e o ensinar contidos no processo de Educação dos sujeitos ocorrem de formas distintas em diferentes espaços e situações. Nesse sentido Dayrell (1992, p.08) afirma:

A educação, portanto, ocorre nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico. Nesse campo educativo amplo, estão incluídas as instituições (família, escola, igreja, etc...), assim como também o cotidiano difuso do trabalho, do bairro, do lazer, etc.

Assim, é possível perceber que a escola muitas vezes é vista como uma instituição única do aprender; com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Por isso, a escola precisa ser compreendida e considerada como um espaço sociocultural, das diversidades, dos encontros de saberes do cotidiano, das diferenças.

Quando o espaço escolar passa a ser compreendido nessa ótica, ele pode se tornar além de um local, uma referência física, cartográfica de dimensão pontual, uma localização, um lugar de trocas, pertencimentos e enraizamento, ao proporcionar a reflexão da relação com o mundo vivido e com a existência.

Para Santos (1997 p. 252): “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo” e Souza (1999, p.65) afirma que: “Todos os lugares são virtualmente mundiais”. Assim, existe muito de universal em cada lugar do mundo.

Dessa forma, é preciso considerar que cada aluno tem uma forma particular de compreender e interpretar os fenômenos, que o lugar é considerado como uma base da própria existência humana por intermédio de uma experiência profundamente imediata do mundo ocupado com significados Relph (1980).

Assim, cada aluno tem capacidade de compreender e interpretar os acontecimentos de modo diferente, o ensino, neste caso em particular o de Geografia, precisa possibilitar ao aluno um raciocínio maior para as suas análises, pois, esta é uma ciência que estuda o espaço transformado pela sociedade.

3 - Avanços e perspectivas do ensino de Geografia

Enquanto instituição, a escola precisa contribuir para o pleno desenvolvimento do caráter, ao assegurar sua formação moral e cívica, ao buscar

proporcionar ao indivíduo uma ativa progressão na sociedade. Cavalcanti (2002, p. 72) afirma que: “Com a prática da construção do conhecimento, habilidades, valores; o ensino de geografia contribui na formação de crianças e jovens para exercer a cidadania, obtendo a compreensão do mundo”.

A escola precisa ainda contribuir para desenvolver a consciência e a prática democrática, por meio da adoção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica cotidiana.

Percebe-se que o ensino de todas as disciplinas passa por crise, mas nesse estudo, será relatado apenas o caso da disciplina de Geografia, que passa por crise desde que a disciplina foi implantada na escola. Para Vesentini (2004, p. 220): “O saber ensinado está longe de permitir aos jovens entender o mundo, quanto mais transformá-lo”.

Nesse sentido, nas aulas de Geografia um fato bastante preocupante é a falta de diálogo entre professor e aluno, pois não são expressas as opiniões e anseios dos alunos, haja vista que a opinião do professor, na maioria das vezes, prevalece; o que pode gerar indisciplina e atos de violência em sala, por parte dos educandos. Quase sempre, os conteúdos são apresentados como verdades prontas; são apenas reproduzidos.

O professor enquanto educador precisa ter em mente a importância de repensar a Educação, já que esta se constitui em item relevante no processo de transformação do indivíduo. Uma boa relação entre alunos e professores precisa ser mantida, com abertura ao diálogo, estímulo à vontade de aprender e com o compartilhamento de experiências, desta forma, o aluno poderá se tornar mais crítico.

Segundo Kaercher (2004, p. 246): "Se é construído uma relação de respeito entre aluno e professor, com troca de diálogo, a base da busca por conhecimento e para a aprendizagem está formada", ou seja, despertará no aluno o desejo de aprender.

Percebe-se a necessidade de renovar as metodologias de ensino para despertar interesse nos alunos em refletir, criar, construir, não apenas reproduzir o que já existe. A busca por uma metodologia que alcance o aluno é fundamental para a construção do processo ensino-aprendizagem. O professor, como ser cognitivo, precisa usar da criatividade para fazer a diferença em suas aulas e na vida dos alunos.

Assim, o professor precisa usar de todas as ferramentas disponíveis, inclusive o livro didático, de forma inteligente, ao associar os conteúdos com o dia-a-dia do aluno, uma vez que a diversidade de aplicá-los é, sem dúvida, necessária. Essa diversificação motivará os discentes, dando a eles também um melhor desempenho e ajuda nas dificuldades.

Porém, os recursos que o professor dispõe são muitas vezes precários. Há, também, a dificuldade da formação continuada. O professor não atualiza seus conhecimentos ficando estagnados a uma realidade ultrapassada, vista apenas na licenciatura que, muitas vezes, não contribuindo muito também.

Cabe lembrar que o professor passa por grandes dificuldades, como a falta de segurança, que fará com que o mesmo se apegue ao velho modo de lecionar. Sem a preparação do professor quaisquer mudanças na escola não serão implantadas, porque as mesmas práticas serão tomadas, práticas essas retóricas, tradicionais.

Assim, os jovens terminam o Ensino Médio com poucos conhecimentos sobre os acontecimentos mundiais e até mesmo do seu cotidiano; o que prejudica a formação de pessoas capazes de transformarem o mundo em que vivem.

O modo como o ensino de Geografia é pensado influencia na falta de interesse dos alunos pela disciplina; tal fato pode estar associado à falta de inovação, criatividade e ousadia, ao tradicionalismo por parte dos docentes e pode funcionar como fator preponderante para tão grande falta de interesse.

No Ensino Médio, o modo de ensino de Geografia aplicado em sala de aula não foge muito daquele que é trabalhado no Ensino Fundamental, ou seja, voltado mais para a descrição e memorização de dados sobre a superfície da Terra.

Até porque, para muitos inovar, criar, ousar, dá mais trabalho, gasta mais tempo; então o mais fácil e cômodo é usar apenas o livro didático, quadro negro e giz. No entanto, como já mencionado, as mudanças dentro do sistema escolar depende não somente do professor, mas de todo o conjunto escolar, onde o aluno está incluído, e do poder público.

Por este motivo, não se pode dizer que a Geografia Tradicional foi deixada de lado, dando lugar para o surgimento de uma Geografia racional propositiva, a qual deveria ser implantada nas escolas em décadas posteriores (MOREIRA, 1994).

O ensino desta corrente é basicamente a transmissão do conhecimento, onde

professor mantém a disciplina de forma autoritária, não havendo uma interatividade entre o aluno e o professor.

Já na corrente da Geografia Crítica o conteúdo é o mesmo ensinado na escola tradicional, muda apenas o papel do estudante, pois o mesmo deixa de ser um agente passivo para participar da aula; ele passa a questionar, a refletir e expor suas ideias. Essa geografia ganha nova roupagem na década de 1980, a chamada Geografia Crítica.

É necessário considerar que sempre a realidade dos alunos e os problemas existentes precisam ser analisados, abolindo a mesmice, a memorização, uma vez que é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos, como: estudos do meio, dinâmicas de grupo e trabalho dirigidos, debates, recursos tecnológicos.

Essa falta de relações com o cotidiano é muito comum no Ensino Fundamental e Médio, que se caracteriza com a superficialidade, a pressa ao passar os conteúdos, o professor corre com os mesmos, para se livrar e sentir-se aliviado quando acaba a aula, fugindo do seu papel de educador. Até por que os alunos não colaboram para o desenvolvimento da aula, deixando o profissional desmotivado.

Nesses desvios das aulas, o aluno pode se perder em meio a tantas informações que não se encaixam, não fazem diferença para eles. Todos esses fatos contribuem para que o processo ensino-aprendizagem seja tedioso para ambos.

Desse modo, o planejamento da aula é fundamental, pois o mesmo trará mais segurança para ministrar aulas e contribuirá para a formação conceitos pelo discente, sem precisar da decoreba. O professor que planeja suas aulas demonstra interesse e valorização às informações que seus alunos têm, criará desta forma, um ambiente de respeito, apropriado para a aprendizagem e o aprimoramento intelectual.

Moreira (1994, p. 31) destaca que: “Através da geografia vamos adquirindo e aprendendo um saber pela própria vivência”. Fica claro a importância das relações entre o conhecimento geográfico e a realidade vivida pelos alunos, o acúmulo de conhecimentos de origem empírica ou científica, se desenvolveu desde as primeiras cartas, nas quais todo dia se faz o percurso geográfico, de casa para a escola, do trabalho para casa.

Felizmente, a corrente de pensamento geográfico que se destaca nas escolas do Brasil e do Mundo hoje é Geografia Crítica, porém apesar de hoje a corrente de

pensamento geográfico tradicional já estar bastante superada, infelizmente, ela ainda é utilizada por muitos professores, principalmente quando se trata do ensino de conteúdos que abordam elementos da paisagem, como por exemplo: rios, vegetação, relevo, montanhas, bem como as áreas da superfície terrestre, todos esses conteúdos ainda usam o velho e conhecido método da memorização.

A Geografia e seu ensino continuam ainda com traços tradicionais, com um ensino desinteressado, sem atratividade, o aluno não tem uma formação para compreender e atuar na sociedade enquanto cidadão.

O importante e necessário seria que o ensino buscasse uma Geografia que visa “A sociedade e o seu Espaço”, que também é conhecida como a Nova Geografia, ou Geografia Crítica, que leva os alunos a conhecer os conteúdos geográficos relacionando-os com o seu cotidiano, os discentes podem questionar e expor suas opiniões, na aula teórica, como também explorar seus conhecimentos na prática.

Mas, esta nova Geografia que visa ao aluno ser crítico em relação aos acontecimentos mundiais, ser ativo na busca de melhorias para o bem estar social, realmente é adotada e praticada dentro das instituições escolares?

O ensino de Geografia no Colégio Estadual Independência

Neste tópico serão analisados os resultados da pesquisa que foi realizada no campo, tendo por objetivo conhecer a real situação do ensino de Geografia na terceira série do Colégio Estadual Independência, para uma análise mais eficaz, assim, juntamente com fundamentos teóricos de alguns autores que relatam sobre o ensino, seus conteúdos e do ensino geográfico, dialogar-se-á sobre o mesmo.

De acordo com as leituras realizadas, o ensino da disciplina em questão no âmbito de sua história de desenvolvimento foi e ainda é em muitos casos manipulado pelas classes dominantes, servindo apenas como simples escola para passar e repassar os conteúdos do livro didático, elaborados a partir do sistema capitalista de produção.

No contexto atual do século XXI, a escola ainda não abandonou a imagem de ser um mero aparelho ideológico do Estado, ao desempenhar o papel de agente para a transmissão da ideologia. Para Moura (1991, p. 35): “A escola tem-se colocado como um instrumento de alienação das classes dominadas com o objetivo de mantê-las submetidas a ideologias da classe dominante”.

Os alunos são reprodutores destas ideias, porque nas salas de aula os conteúdos não são trabalhados de forma a despertar a criticidade nos alunos.

O conteúdo, para ser compreendido pelos estudantes e transformado em saber, depende de métodos que sustentem as necessidades destes alunos. E a Geografia como ciência humana, que estuda o espaço modificado e organizado pela sociedade, precisa despertar no aluno uma visão do mundo. De acordo com Almeida (1991, p. 85): “O ponto em que queremos chegar na relação entre método e conteúdo refere-se ao fato de que a geografia ensinada pode apresentar estudos sobre a relação homem-meio, ou estudos da organização do espaço pelo homem”.

Em outras palavras, ensinar Geografia não é somente repassar os conteúdos que são programados aos alunos, o ensinar vai muito, além disto, significa desenvolver métodos capazes de dar conta do processo de organização e das modificações que a sociedade passa.

E o professor como orientador tem que conscientizar a si e aos alunos, sobre seus papéis na educação. Para Almeida (1991, p. 89): “Os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização na sociedade, consiste em desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora”.

Durante a pesquisa, foi elaborado um questionário para a professora que ministra as aulas de Geografia nos terceiros anos do Colégio Estadual Independência, com a finalidade de investigar como ocorre o ensino dessa disciplina. Perguntas como: “Quais as metodologias que utiliza nas aulas? Quais os problemas vistos por ela na prática docente? Como é a participação dos alunos e qual a análise sobre ela? As aulas são mais teóricas ou práticas? As avaliações são realizadas de que maneira e o que pode melhorar a participação, o interesse para melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos? Dentro deste quadro de questões a professora pode relatar como é sua atuação nas aulas de geografia?” permearam as discussões.

De acordo com as análises feitas dos questionários, identificou-se que as metodologias de ensino aplicadas pela professora, eram trabalhos de grupo e individual, debates, leituras de mapas, gráficos, tabelas e textos, pesquisas, vídeos, produção de texto. Segundo a profissional, ainda são realizados projetos, congressos e palestras. As aulas são mais teóricas do que práticas, porque, por intermédio das teorias, a professora defende que os alunos compreendem mais.

Nesse contexto, a professora reconhece que o ensino necessita de melhoras, afirma que tanto discentes como os docentes têm que buscá-las para a educação. De acordo com Vesentini (1989, p. 118): “No campo da renovação da geografia que implica ainda mais a problemática de sua aplicação é a extrema dificuldade dos profissionais em fazer uma permanente crítica de seu próprio trabalho, A partir daí os demais obstáculos estarão mais intransponíveis”. E para uma melhor análise o aluno também tem que expor sua opinião sobre o ensino de Geografia.

Os alunos também responderam uma entrevista com 10 questões sobre as metodologias das aulas, a participação dos alunos, a contribuição do ensino de Geografia para a inserção na Universidade e para os conhecimentos da vida, entre outras. No total, 105 alunos responderam os questionários. Sobre o que os alunos acham das aulas de Geografia, 62% relataram que a disciplina de Geografia é boa, mas ao ler os depoimentos observou-se respostas contraditórias. Para o aluno A:

É uma disciplina relevante e fundamental; a professora explica bem, pois é atenciosa, tira as dúvidas; aprende várias coisas da atualidade.

Para a aluna D:

O ensino da disciplina necessita melhorar seu método de aplicação, pois sendo de amplos saberes, precisa de mais cautela ao aplicar os conteúdos e fazê-los de forma que chame mais a atenção.

Foi ainda sugerido pelos alunos, explorar mais os conteúdos, porque eles consideraram a metodologia usada como exaustiva e repetitiva, baseada apenas no livro didático. Segundo eles, o livro didático é o dono da aula. É importante destacar que os próprios alunos argumentam que os conteúdos são bons, porém, as aulas não têm muitos atrativos. Para o aluno E:

“Sim, eu gosto, mas acho que deixa a desejar, pois poderemos abranger mais áreas de conhecimento, que nos capacitaria melhor para o vestibular”.

A aluna B considera que:

“São boas, porém não há interesse de alguns alunos e isso torna

a aula desgastante e cansativa”.

Dos 32% dos alunos que consideram a aula ruim, o aluno C afirmou que:

“Na minha opinião é ruim, porque a professora não consegue administrar a aula como deveria, os alunos falam mais alto do que ela”. Dos 6% que respondeu que as aulas são mais ou menos o aluno D disse: *“Um tédio. Porque é sempre a mesma coisa e quando aparece algo novo é porque todo mundo já viu no Jornal Nacional”.*

181

Diante dessa situação apresentada, torna-se necessário refletir sobre os motivos que levam as aulas de geografia ser ruins e cansativas. Para Vesentini (1989, p.179): “É importante evitar sistemas teóricos fechados, conteúdos que valorizem excessivamente os conceitos, entendidos, ademais, como definições, e assim deixam pouco espaço para pensar o novo, para refletir a partir do real”.

Dessa forma, o ensino não deve permanecer da maneira como o encontramos, atualmente em alguns contextos. O ensino precisa deixar de ser alienado aos órgãos estatais. Neste caso, o professor, assim também como a instituição de ensino deve buscar novos caminhos para atender sua realidade escolar, precisa procurar soluções para lidar com os problemas na educação e no ensino de Geografia.

E para se conhecer e analisar a realidade social, novos métodos de ensino são essenciais, como a observação dos fatos que pode ser concebido aos alunos e professores através da prática.

Sobre as aulas práticas 88% das respostas afirmaram que não acontece aula prática na escola, argumentando que as aulas teóricas predominam na sala de aula. As aulas diferentes ocorrem quando utilizam recursos tecnológicos como, vídeos, mas acontecem raramente. Para o aluno E:

“Não realizamos aula práticas o professor ainda não buscou este método”, o aluno F disse: *“Não, na mesmice que se resume a giz e quadro e pouca fundamentação oral”.*

O restante, 12% dos alunos relataram que tem aulas práticas, de vez em quando. Nota-se que as aulas teóricas predominam e são baseadas apenas no livro didático, giz e quadro negro. Como já discutido, o livro didático sozinho não basta

como elemento mediador das aulas. É preciso saber utilizá-lo criticamente como afirma Vesentini (1989, p. 166 e 167):

Na realidade o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte última de referência e contrapartida dos erros das experiências de vida. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante.

Sobretudo, desenvolver outras metodologias que permearão as discussões em sala de aula. Assim, “o manual”, como ressalta Vesentini (1989) precisa ser encarado pelo professor como um apoio, não como o definidor de todas as aulas; ele é um instrumento que está a serviço do trabalho em sala de aula, sendo um complemento. Considerando que o livro didático não deve ser descartado, no entanto, seu uso precisa ser associado a outros materiais didáticos.

Nesse sentido, a pesquisa comprovou que o livro didático, da forma como tem sido usado, apenas torna as aulas mais cansativas; além de não contribuir para aprendizagem dos estudantes. É necessário se fazer repensar o uso de tal material.

Com relação à metodologia aplicada pela professora em sala, percebe-se que ela está diretamente ligada ao gosto pelas aulas, pois uma aula com metodologia menos cansativa, levará o aluno a ter mais interesse e, com isso, apreender os saberes ensinados nas aulas. Sobre os temas dos conteúdos ministrados, os depoimentos destacam que são poucas as aulas prazerosas e que instigaram o interesse dos alunos, dessa forma, fica comprovado que o gosto pelos conteúdos está também ligado à metodologia que foi aplicada.

Os temas que os alunos destacaram que mais gostaram foram: o pré-sal, globalização, coordenadas geográficas, fusos horários, preconceito, etnias, o mundo moderno, fonte de energia, agronegócio e estações do ano. Afirmou a aluna G que:

“A aula sobre o Pré-sal. Porque é bom saber sobre as fontes de energia no Brasil”. Para o aluno H: “Aula que abordava o tema Globalização: Por que é uma realidade e seu estudo nos permite enxergar quais, são seus efeitos, consequências”.

Comprovou-se que 30% alunos não gostaram de nenhuma aula, ao justificarem que são desinteressantes; não chamaram sua atenção; foram tantas que nem

lembram; a professora é ruim; que todas as aulas são iguais; a explicação não é boa. O aluno I disse:

“Nenhuma, pois são todas repetitivas e não desperta interesse nos alunos”.

Para a aluna J:

“Nenhuma porque todas são iguais”.

O restante, 11% dos alunos relataram que gostaram de todas, pois cada conhecimento é importante e 6% não responderam. Nota-se que há uma falta de interesse muito grande por parte dos alunos pela disciplina de Geografia. A disciplina é tratada pelos alunos como algo isolado que nada tem haver com as demais disciplinas escolares.

Antunes (2001, p. 44), considera que: “Os alunos frequentam aulas para aprender, entre outras disciplinas a geografia, e não apenas fragmentos específicos, conteúdos isolados e atomizados destas e das outras disciplinas”. A essência de se estabelecer laços entre os conteúdos de Geografia e as demais disciplinas é necessária para uma melhor e mais ampla aprendizagem.

Neste caso podemos relatar que se houvessem aulas práticas com frequência na instituição o quadro escolar se encontraria diferente do que os alunos relataram. Até porque, a prática proporciona fazer relações com as demais disciplinas. As aulas práticas estimulam os alunos a refletir sobre as teorias e tomar gosto pela disciplina, despertando a imaginação, participação e curiosidades nos alunos. Mas, as aulas práticas por si só e sem um prévio planejamento não dá conta de alcançar os objetivos que o coletivo de metodologias pode proporcionar.

Sobre as aulas práticas, 53% mostraram ter preferência, pois para eles com o uso deste método o conteúdo explicado na teoria fica mais fácil, ocorre uma relação direta do aluno com o meio, ao trazer mais interesse para a sala, como, também, contribui para que a aula não se torne rotineira, dessa forma, esse tipo de aula incentiva o aluno a descobrir coisas novas. Para o aluno K:

“Aulas prática. Por que temos mais contato com a natureza e para mim fica mais fácil aprender”.

Disse a aluna L que:

“Aulas práticas, pois através de aulas práticas o conteúdo fixa melhor na mente”.

184

Para 22% dos alunos as aulas teóricas são mais interessantes, segundo alguns depoimentos, o conteúdo fixa mais na mente através da leitura e cópia do livro didático. O aluno M gosta mais das aulas teóricas por que:

“É bom para aprender mais copiando”.

Para o aluno N as aulas teóricas:

“Fixa mais na minha mente”.

Sobre a relação teoria e prática, sobretudo as aulas práticas, Vesentini (1989, p.178 e 179) considera que: ”Só a prática docente na sala de aula e também fora dela, com o estudo do meio, irá engendrar uma geografia escolar crítica voltada a contribuir para a formação de cidadãos plenos”. A falta de aulas práticas não dão escolhas ao aluno, ou seja, não o estimula a aprender. Sobre tal assunto Antunes (2001, p.31) afirma que: “As dificuldades para aprender ocorrem porque os alunos teimam em decorar, isso não adianta procurar compreender é o único caminho”.

Desde modo, é fundamental analisarmos o ensino como um todo, especificando tanto conteúdo como a forma de avaliar. Dentro da pesquisa de campo, foi realizada uma questão que assim como as demais é importante para entendermos o ensino.

Esta questão trata do processo avaliativo. Dos alunos pesquisados, 35% responderam que o processo avaliativo é bom, sem justificar o motivo, para 5% alunos é ruim, 12% regular, 3% ótimo, 4% mais ou menos e 41% alunos não responderam. Para o aluno O:

“São fáceis é só prestar atenção na explicação”.

Para o aluno P:

“Bom. Quando se aprende o conteúdo, a avaliação fica fácil de fazer”.

Sobre o que pode mudar no processo avaliativo: 42% disseram que pode melhorar tendo mais trabalhos de campo, mais aulas práticas, mais aulas no laboratório da escola. O professor precisa se qualificar mais, as matérias têm que ser atualizadas, aprofundar mais o conteúdo, aulas têm que ser mais dinâmicas, portanto, os alunos têm que ter mais interesse nas aulas.

Para 14% alunos as avaliações são boas, não precisa mudar nada; 4% não sabem o que pode ser feito para mudar o processo avaliativo e 40% alunos não responderam. Para os alunos R:

“Ter mais trabalhos que envolva a prática” e para o aluno S: “Deveria haver um maior aprofundamento nos conteúdos”.

Os critérios de avaliação muitas vezes não são suficientes para o processo ensino-aprendizagem. As provas tradicionais parecem prevalecer na escola, com isso os alunos ficam presos em decorar o conteúdo para tirar uma nota “boa”. Para Hans Aebli (1982, p. 303): “Frequentemente as provas escolares são usadas de tal maneira que não só não alcançam a sua finalidade, mas até de tal maneira que não se opõem a todos os objetivos pedagógicos e didáticos”.

Este método avaliativo, usado apenas como uma maneira de tirar notas altas é desfavorável, porque não motiva o educando a estudar para formar uma visão crítica, a fim de formar o seu próprio saber, na verdade a avaliação se torna ameaça ao aluno, pois o mesmo tem medo da nota baixa e reprovação.

A prova é um método relevante que deve ser utilizado com muita cautela para avaliar o aluno, mas o professor enquanto educador, não deve usá-la como ameaças para que o aluno estude ou decore o conteúdo.

Seu objetivo é avaliar a aprendizagem do aluno, auxiliada de outros

métodos avaliativo. De acordo com Antunes (2001, p.45): “A avaliação tem que estar centrada na pessoa do aluno. Aula de Geografia tem que ser avaliada a cada dia, sendo que o professor tem, também, que se reavaliar, e encorajar o progresso dos alunos”.

O bom professor reconhece a sua necessidade de avaliar a si mesmo, para, depois, exigir dos alunos. O ambiente escolar tem que ser libertador, aberto para formar opiniões e construir conhecimentos. O ensino de Geografia precisa contribuir para a construção da cidadania e democracia, atuando nas diversas formas do saber, promovendo trocas e respeitando as diferenças.

Nesse sentido, verifica-se que o aluno precisa comprovar a teoria com a prática, pois somente assim as aulas se tornarão mais atrativas e com aprendizagens significativas para a vida. O papel de mediar o conhecimento pelo professor, pode se tornar menos doloroso, quando o processo de internalização de saberes se torna mais palpável e agradável.

Por isso a grande necessidade de se adotar metodologias de ensino que busca abranger tanto o conhecimento do professor como mediador da aula, como também o conhecimento próprio do aluno, suas experiências. Fazendo relações entre estes, ao possibilitar uma aprendizagem dentro do contexto da realidade de ambos como ser sociais.

Elaboração e aplicação dos conteúdos e as metodologias de ensino: um desafio entre a teoria e a prática

O gosto pela Geografia é diverso, há alunos que gostam da disciplina, outros não. Entre as respostas 61% dos alunos responderam que gostam da disciplina Geografia, para muitos é uma disciplina ampla que envolve vários aspectos importantes e necessários para compreender o mundo global, temas como a política, a economia, o social, o físico, entre outros, proporciona uma visão maior dos acontecimentos mundiais, ajudando a enxergar o mundo de maneira mais crítica, pois, acabamos descobrindo uma diversidade de assuntos. Sobre gostar da disciplina, o aluno T disse que:

“Sim, pois a matéria nos proporciona ter uma visão mais crítica, pois nos dá conhecimento do mundo e suas políticas proporcionando condição se ser cidadãos mais ativos e críticos”. O aluno U disse: “Sim. Pois eu acho uma matéria interessante e trata de assuntos dos quais nos precisamos saber”.

Dos alunos 29% responderam que não gostam, porque é uma matéria muito complexa, estuda muitas coisas que os confundem. Para o aluno e Y:

“Não, porque é o tipo de matéria que não me agrada e estuda muita coisa que me confunde”.

Dos 29% dos alunos que responderam não gostar da disciplina, pode-se observar que este não gostar está diretamente ligado com a falta de motivação. Os estudantes encontram-se completamente desmotivados, porque a metodologia usada para a aplicação dos conteúdos, não desperta interesse. De acordo com Aebli (1982, p. 224):

O aluno que está fortemente motivado esforça-se, empenha-se. A consequência é que executa intensamente a ação que leva ao objetivo almejado, emprega grande energia, não se deixa desviar por outros objetivos possíveis. Ainda que seja muito difícil de compreender a motivação todo indivíduo sabe que o resultado depende de seu empenho.

O aluno quando é motivado a aprender, sempre se esforçará para buscar conhecimento, e procurará nas dificuldades de aprendizagem um motivo a mais para empenhar e conseguir superar seus limites. A aprendizagem é individual e coletiva, se os alunos não tiverem interesse nada muda. O educando não só pode como dever contribuir na elaboração de ideias, conceitos e categorias, para a interpretação mais profunda da realidade. Ao invés de ficar apenas ouvindo o que o professor expõe.

Sobre a participação dos alunos nas aulas de Geografia, 48% dos alunos consideram sua participação boa, pois, prestam bastante atenção nos conteúdos estudados e não possuem dificuldades, sempre em casos de dúvidas eles perguntam, também são interativos. 13% dos alunos falaram que sua participação é ruim, porque conversam durante a aula. 22% dos alunos disseram que participam às vezes. 7% dos alunos afirmaram que sua participação é ótima e 10% não responderam. Disse o aluno X:

“Minha participação é ótima presto muita atenção, e participo bastante”.

Para o aluno W:

“Boa sempre escuto e pergunto no caso de duvidas”.

188

Sobre o que falta para melhorar sua interação com a disciplina, 54% responderam que é necessário que os alunos se interessem mais, é necessário parar com as conversas paralelas, dedicar pelo menos o mínimo. Para eles, as aulas de geografia deveriam ser mais atrativas, com uma melhor exposição dos conteúdos, uma maior utilização de recursos tecnológicos (vídeos, internet), realização de mais aulas práticas e trabalhos de campo. Se as aulas mudam, os alunos mudariam também porque seriam estimulados a mudar.

Por fim, os depoimentos mostraram quantos problemas envolvem o ensino de Geografia, a falta de formação do professor, o despreparo, o entusiasmo, a falta de atenção e interesse dos alunos, a gestão escolar, a indisciplina, a violência e tantas outras questões que são ainda barreiras para a construção do conhecimento na escola.

No entanto, a falta de compreender o verdadeiro significado da ciência geográfica, faz com que professores e alunos, desconheçam o quanto o ensino geográfico é importante para entender os movimentos sociais, e os benefícios de criar possibilidades por meio deste, para resultados positivos para vida e organização da sociedade, do próprio meio escolar.

A Geografia desde sua sistematização vem percorrendo um caminho longo de descobertas, sendo necessário para este desenvolvimento muitos estudos, como os das escolas francesas e alemãs, por Vidal de La Blach, Ratzel, entre outros autores. A Geografia enquanto disciplina escolar também passou e tem passado por vários percursos para sua construção. Para Vesentini (1989 p. 135): “Já foi frequentemente demonstrado em Hérodote que a Geografia não é somente uma matéria escolar, mas pelo contrário, que as análises geográficas são indispensáveis para toda estratégia seja de ordem econômica, política ou militar”.

Assim, ela se faz importante, pois, permite pensar o mundo, o espaço e suas reconfigurações. Mas será que o aluno reconhece a importância da Geografia em sua vida. Sobre a importância da disciplina para a vida dos alunos, 85% responderam que a disciplina de Geografia é importante na sua vida, porque abrange muitos aspectos relacionados à sociedade mundial que são necessários para compreender a economia, a cultura, o social, a política, entre outros aspectos. Por meio dela, a pessoa tem um olhar mais crítico dos acontecimentos. Para o aluno B1:

“É uma disciplina que nos auxilia no entendimento de efeitos que nos rodeiam tanto naturais que sócio-político-econômico”.

Para o aluno C1:

“Que com ela podemos melhor compreender as coisa que ocorre no planeta”.

Dos alunos, 11% responderam que a Geografia não é importante, sem justificar o porquê, e 4% não responderam a pergunta. Sobre a importância da Geografia Vesentini (1989, p. 87) afirma que:

A geografia para as pessoas é acima de tudo, um espaço real, que pode não valer, num primeiro momento como verdade científica, pois só raramente transcende o particular para chegar ao geral. Mas nem por isso é menos verdadeira, já que é riquíssima porque intensa e pessoal percepção do espaço resultante de uma determinada vivência, cujas normas se devem à divisão social do trabalho. Tal vivência é muito necessária à ciência geográfica.

Por mais que não reconhecemos, a importância da Geografia em nossas vidas é maior do que imaginamos, pois, até mesmo sem saber, fazemos uso da mesma todos os dias, e isso não é de hoje, vem desde os primórdios. É preciso que o professor estimule os alunos a desvendar os valores e importância dessa ciência. Para Vesentini (1989, p. 69): “Importa destruir a ideia da geografia como conhecimento neutro, apolítico, objetivo, e demonstrar sua importância enquanto conhecimento estratégico, enquanto discurso ideológico. Importa que cada cidadão esteja apto a pensar o espaço em termos políticos”.

É fundamental que as pessoas tomem conhecimento sobre debates promovidos pela Geografia, que busca muitas vezes desmistificar o controle ideológico

exercido pela mídia e pelo próprio processo histórico.

Em suma, nota-se que a geografia torna-se mais uma disciplina obrigatória para passar de ano e no vestibular e nos concursos, não como um instrumento de mudanças, críticas e reflexões do contexto global. Fica claro que os alunos desconhecem o verdadeiro objetivo dessa ciência, ao buscarem apenas o conhecimento básico para se passar de ano, sem o mínimo de interesse em conquistar algo mais significativo.

Considerações Finais

Conforme foi possível observar no seu processo de construção, a Geografia passou por constantes mudanças em seu paradigma de análise e metodologia.

Durante séculos, muitos tratados foram escritos e foram dadas contribuições para que, pudesse considerar a Geografia uma ciência. Até o século XVIII, a Geografia era utilizada apenas para desenhar caminhos e roteiros de viagens, sendo identificada com a cartografia e a astronomia.

A história da Geografia como disciplina escolar tem início no século XIX, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico.

Mais tarde, sua função ideológica reaparece, quando o objetivo da disciplina é caracterizado como transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular.

O ensino tradicional da Geografia fez-se presente na maioria das escolas, por muitas razões: em primeiro lugar, os professores necessitavam de cursos mais dinâmicos e que atingissem a todos, cursos de formação que articulassem o conteúdo específico com a discussão pedagógica e, em segundo lugar, eram necessárias mudanças nos materiais utilizados, principalmente naquele que era o maior sustentáculo das aulas: o livro didático.

De forma sem discutir ou aprofundar as formas de apropriação desta natureza, o ensino da Geografia torna-se acrítico e a-histórico. Tal redução parece ainda mais estranha quando se considera que são justamente os geógrafos que proclamam a Geografia como uma ciência “síntese”, que tem sua razão de ser apoiada na interação

entre fatos físicos e humanos.

A crise da Geografia Tradicional e o movimento de renovação a ela associada, assim como suas respectivas transformações ocorreram basicamente na década de 1980. Um dos questionamentos era fazer com que a Geografia perdesse o rótulo de matéria decorativa. O discurso da Geografia Crítica nos livros didáticos caracterizou-se pelo rompimento de tradicionais focos de análise para examinar o espaço geográfico.

Desse modo, os conteúdos curriculares da Geografia conduziram a um entendimento da totalidade que envolve a sociedade e a natureza, levaram a compreender um espaço produzido pela sociedade; que gera desigualdades e contradições.

Nesse período, o processo ensino / aprendizagem tornou-se um desafio permanente para o professor que teve a preocupação de contribuir para desenvolver a capacidade, nele próprio e no aluno, de pensar, refletir, criticar, criar, etc.

Consoante a essa teoria, os professores de Geografia precisam ter como ponto de partida as representações e os saberes que os alunos trazem para o espaço escolar. Nesse sentido, também se faz importante, considerar os modos de pensar crítico no atual ensino da Geografia, podendo assim construir posições e questionamentos de forma mais relevante para transformações do mesmo.

Apesar de toda essa discussão que se avançou para um ensino mais crítico e reflexivo, nota-se que muitos professores reproduzem ainda no século XXI, a forma tradicional de ensinar, tornando o conhecimento geográfico desinteressante como mostrou as entrevistas realizadas com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Independência, sujeitos dessa pesquisa.

A pesquisa mostrou traços de um ensino ainda muito enraizado às práticas tradicionais, com aulas muito teóricas e metodologias que muitas vezes não alcançam a realidade dos alunos, o livro didático ainda parece ser o recurso mais utilizado, muitas vezes impedindo a interações de novas fontes de informações.

Os alunos, além da falta de interesse que também está presente nas aulas, sentem-se desmotivados a pensar e criar, reproduzindo as informações contidas no livro didático de forma decorativa e de memorizações para conseguirem tirar “notas boas” para passarem de ano.

Os alunos de certa forma consideram o ensino de geografia apenas como mais uma disciplina do currículo escolar necessária para passar de ano e no vestibular.

Nota-se em alguns casos que o professor pode estar acomodado, porém, eles também se sentem desmotivados diante dos inúmeros problemas que lhes cercam como: as condições mínimas para continuarem estudando; o desinteresse e indisciplina dos alunos; baixos salários; má gestão da escola; falta de incentivo do governo, entre outros inúmeros problemas que envolvem a educação no Brasil.

Os alunos ao mesmo tempo em que responderam que a Geografia é importante para a vida permitindo uma melhor compreensão do mundo, evidenciaram a falta de interesse por essa disciplina, dizendo que as aulas são cansativas e não estimulam o interesse. Essas e outras contradições encontradas no decorrer da pesquisa revelam que é preciso repensar o ensino de geografia na escola.

O ensino de Geografia no Colégio Estadual Independência, na Cidade de Quirinópolis-GO, precisa considerar as necessidades dos alunos e as limitações da professora. É preciso envolver os interesses de ambos, professores e os alunos na busca de um ensino mais crítico da realidade, fazendo com que o aluno se sinta um cidadão apto a opinar, pensar, criticar, questionar.

Se o ensino não proporciona esses posicionamentos, o que deveria proporcionar?

Em suma, constatou-se que o ensino de Geografia no Colégio Estadual Independência, não desperta o saber e sim o conhecimento, que fica cada vez mais limitado em aulas que muitas vezes não contribuem para a compreensão do mundo e nem da alienação que estamos envolvidos, causadas pelos processos, sobretudo, a globalização, na qual leva os sujeitos a serem “vivos – mortos”, ou seja, sem o direito de pensar, criticar, decidir e escolher.

Referências

AEBLI, Hans: **Prática de Ensino: Formas Fundamentais de Ensino Elementar, médio e superior**: São Paulo: EPU: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1982.

ALMEIDA, Rosângela Doin de : **A Propósito da Questão Teórico- Metodológica Sobre o Ensino de Geografia**. In: *Prática de Ensino em Geografia*- Terra Livre,

publicação semestral da AGB em eco-edição com a Editora Marco Zero, SP. 1991.

ANTUNES, Celso: **A sala de aula de Geografia e História: Inteligências múltiplas aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia:** Campinas, SP: Papirus, 2001.

CASSAB, Clarice: **Geografia Científica e Geografia Escolar: O diálogo necessário.**Niteroi, RJ. (2009).
Disponível em: <http://www.egal.2009>. Acesso em 18 jun.2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza: **Geografia e Prática de Ensino.** Goiânia, Alternativa, 2002.

DAYRELL, Juarez T. **A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa.** Educação em Revista. B.H.(15):21-29. Jun 1992.

KAERCHER. Nestor André: **A Geografia Escolar na Prática Docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica.** USP. 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/HYPERLINK> "<http://www.teses.usp.br/teses.%20Acesso%20em%2019%20jun.2011>". Acesso em 19 jun.2011.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Ruy: **O que é geografia.** Coleção primeiro passos. Editora Brasiliense. (1994).

MOURA, Cláudio Antonio de, et al: **Para Salvar do Piracicaba.** In: *Prática de Ensino em Geografia-* Terra Livre, publicação semestral da AGB em eco-edição com a Editora Marco Zero, SP. 1991.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib.(ORG): **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 3º edição. SP. Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Ariovaldo de. (ORG): **Repensado o Ensino: Para onde vai o ensino de Geografia?** 2º edição. SP. Contexto, 1990.

RELPH, Edward C. **Lugar e Localização.** Londres, Piano 1980.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço Técnica e Tempo: Razão e Emoção.** São Paulo:Hucitec, 1997.

_____. **A Natureza do EspaçoTécnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA. Vanilton Camilo de: **A Construção do saber docente pelo professor leigo de Geografia.** 1999. 164 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação

da UFMG, Belo Horizonte, 1999.

URZEDO, Maria da Felicidade Alves: **Gênese da Formação Docente em Quirinópolis**. Goiânia: Kelps, 2007.

VESENTINI, José William. (ORG): **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

_____. (ORG): **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

Recebido para publicação em julho de 2012
Aprovado para publicação em outubro de 2012